

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-1-4146>

Recebido em: 21/03/2024

Aprovado em: 21/01/2025



A série “Polêmica da semana” do canal Porta dos Fundos Tipologia discursiva, argumentação, humor e *fake news*

Anderson de Carvalho Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-1485-0095>

Este artigo mostra um estudo sobre o quadro “Polêmica da semana”, do grupo humorístico Porta dos Fundos. Para isto, apresenta a análise de três episódios da série conforme a tipologia discursiva (lúdico, polêmico e autoritário) definida por Orlandi (2001). A análise indica que nos recortes analisados os efeitos de humor e a argumentação decorrem do jogo com os sentidos estabelecidos entre os interlocutores e que podem ser lidos conforme a tipologia acima mencionada. Do ponto de vista psicanalítico, o campo do horror, estranhamento, medo e interdição, ao ser mobilizado, provoca o humor. Os rumos da análise permitiram revisitar outras questões contemporâneas do cotidiano brasileiro como as *fake news*, no âmbito do debate político.

Palavras-chave: Grande mídia. Análise do Discurso. Notícias falsas. Humor. Argumentação.

La serie “polémica de la semana” del canal Porta dos Fundos: tipología discursiva, argumentación, humor y *fake news*

Este artículo muestra un estudio del cuadro “Polémica de semana”, del grupo cómico Porta dos Fundos. Para eso, se presenta el análisis de tres episodios de la serie según la tipología discursiva (lúdica, polémica y autoritaria) definida por Orlandi (2001). El análisis indica que en los recortes analizados los efectos de humor y argumentación resultan de formas de interdicción y juego con los sentidos establecidos con los interlocutores y que pueden leerse según la tipología mencionada anteriormente. Desde un punto de vista psicoanalítico, el campo del horror, del extrañamiento, del miedo y de la interdicción, cuando se moviliza, provoca humor. El análisis también permitió revisitar cuestiones contemporáneas de la vida cotidiana brasileña, como las noticias falsas, en el ámbito del debate político.

Palabras clave: Grandes medios de comunicación. Análisis del Discurso. Noticias falsas. Humor. Argumentación.

The discourse typology, argumentation and humor in episodes entitled “polemic of the week” available on Brazilian comedy “porta dos fundos” *youtube* channel

This paper aims at investigating sketches extracted from Brazilian comedy *youtube* channel “porta dos fundos” (“Back door”) specifically, the episodes presented in a sequence entitled “Polemic of the week” (as vaccination, homosexuality and criminal majority). The *corpus* available on this *youtube* channel focuses on discursive positions that change according to the humor and the nonsense. From a psychoanalytic point of view, the field of horror, estrangement, fear and interdiction, when mobilized, provokes humor. Based on the concept of discourse typology (authoritarian, polemic and ludic), described by Orlandi (2001), the results show possibilities concerning the argumentation and studies about humor according these types of meaning disputes and carries out discussing fake news during the contemporary political situation of Brazil.

Keywords: Mass media. Discourse Analysis. Fake News. Argumentation. Humor.

Introdução

O grupo de humor “Porta dos Fundos” mantém um canal com ampla audiência na plataforma *youtube*. Há mais de dez anos tem encenado as mais diversas esquetes sobre temas do cotidiano, em que os personagens e o texto interpretado capturam o espectador, principalmente pelo modo de subverter aquilo que Pêcheux (1997b) denomina de mundo semanticamente estabilizado.

O canal disponibiliza episódios avulsos com temática variada e, por vezes, apresenta séries mais específicas. Após completar dez anos de existência, o canal compilou alguns episódios por temática. Todavia, antes disso, alguns quadros receberam algumas sequências ao modo de uma série, embora de curta duração. Um destes quadros foi denominado “Polêmica da semana”, e em sua variedade de temas abordados temos: homossexualidade; racismo; redução da maioridade penal; milícia; chacinas; aquecimento global; vacina; desconfinamento; cloroquina. Antes de continuar a leitura, convidamos o leitor a assistir aos três episódios aqui analisados: “vacina”; “homossexualidade” e “redução da maioridade penal”.

Neste artigo, analisamos os dispositivos discursivos mobilizados nestes três episódios a partir da noção de tipologia discursiva formalizada por Orlandi (2001). Nossa questão analítica (interpretativa) principal é a de que o efeito de humor alcançado por estes episódios pode ser entendido pela subversão do sentido de “polêmica” abordado pelo quadro desde seu título. O sentido de “polêmica” é subvertido; no lugar da polêmica, o efeito de humor é justamente a quebra de expectativas ante um debate “verdadeiramente” polêmico.

Isto porque, em linhas gerais, o lugar do interlocutor que responde ao especialista convidado é o lugar ora de um porta-voz do discurso pedagógico autoritário, ora de um “espalhador” de *fake news*, com suas estratégias de interrupção e disseminando respostas recheadas de expressões genéricas, clichês, etc. Por conta deste caminho, faz-se necessário delimitar com mais acuidade a formulação do nosso principal dispositivo teórico e analítico, a tipologia discursiva de Orlandi (2001) e questões também mobilizadas na formação do *corpus* de análise, relacionadas ao campo dos estudos sobre argumentação, dos quais decorreram debates sobre as formações imaginárias (Pêcheux, 1997a) e o cenário político contemporâneo.

1 Delimitando a questão

Pêcheux (1997a) problematiza criticamente a análise de conteúdo e a transmissão de informação via mensagem para propor, como contrapartida, uma análise dos efeitos de sentido entre posições na estrutura de uma formação social. Esta crítica opera na abertura do pressuposto de que existe uma inscrição de lugares anteriores que fazem com que haja várias formações imaginárias atravessando os processos discursivos.

Essa assertiva é decisiva para nossa análise porque é a partir desse ponto que Orlandi (2001) enfatiza o modo pelo qual A e B têm imagem de si mesmos e do outro, na disputa pelo sentido; disputa que torna mais ou menos opaca uma formação imaginária, uma vez que nesta(s) atravessam dizeres anteriores em um processo histórico de efeitos de sentido (interpretação) dirigido ao(s) objeto(s) do sentido e ao uso dos referentes.

Como Pêcheux (1997a) já alertava, estas correspondências não são biunívocas, uma vez que há uma razoável dispersão das formações imaginárias; Orlandi (2001), por sua vez, relê estas questões e enfatiza o lugar dos interlocutores no contexto situacional e na disputa pelo objeto do sentido, e apresenta como proposta a tipologia discursiva dividida em: autoritária, polêmica e lúdica.

No lúdico, o objeto (referente) está presente; interlocutores estão expostos à presença do objeto; no polêmico, o objeto (referente) está presente, e os participantes (interlocutores) não se expõem; no autoritário, o objeto (referente) está ausente e não há interlocutores, mas agentes de controle do sentido (Orlandi, 2001).

Esta tentativa de disfarçar a exposição na disputa pelo sentido resgata aspectos complexos do campo da argumentação, bem como recuperam aspectos da dialética entre o que seria da ordem da objetividade no trato com uma língua *standard*, padrão, imaginária, versus uma língua fluida, viva, do cotidiano (Orlandi, 2009).

Entram nesse campo também aspectos do que pode ser dito em uma conjuntura, de um *ethos* e de rituais de deferência caso o debate e suas arguições sejam realizados na rua, em casa, no tribunal do júri (Haroche, 1998), em campanha político partidária (Chareaudeau, 2016); mas, não vamos detalhar cada um desses universos.

Para nosso estudo, consideramos também a “fluidez nos limites do simbólico” (Orlandi, 1998a) e suas “interpretações voláteis” (Orlandi, 2021). Trata-se de esquetes de humor, obras de ficção, mas na linha tênue entre ficção e realidade do cotidiano atual. A arte imita a vida, na linha de um clichê pelo qual podemos falar de modo um tanto deslocado de nossas próprias tragédias, e analisá-las, como fazemos aqui no texto acadêmico.

Orlandi (2021) explica que a volatilidade da interpretação das discursividades contemporâneas em amplas e complexas redes de informação é subsidiada pela efemeridade da fabricação dos fatos e nos convoca a problematizar vários campos semânticos que, sem podermos separar entre “real” ou “virtual/ficção”, indicam sentidos alhures mas que passavam batidos. Tempos de conspiração com força maior que os boatos.

Em meio a este cenário, o sujeito do discurso sob análise também nos remete ao campo dos estudos discursivos fomentados por Haroche (1988) e Pêcheux (1997 a, b). Focamos a contemporaneidade, mas sem deixar de lembrar que o tecido desta engrenagem ainda indica uma reverberação do inefável construído desde a baixa Idade Média (Haroche, 1988) e a constituição do sujeito moderno.

Isso porque o sujeito mesmo fazendo uso de referências credenciadas para um debate, deixa escapar algo; de um lugar que, embora assujeitado ao jurídico, ao religioso e ao científico (Haroche, 1988), deixa escapar o real a ser simbolizado, da ordem das coisas a saber (Pêcheux, 1997b) e que, no caso analisado, é veiculado por uma obra ficcional de um grupo de atores de humor, que mostra o acontecimento da língua em discurso sob efeito da exposição dos debatedores e tende para o *nonsense* e o absurdo.

Essa passagem da determinação, certo cerceamento do que se pode dizer e alguns subterfúgios que recortam sentidos da contemporaneidade brasileiras, obriga-nos a considerar a complexidade desta constituição do moderno, mas também nos obriga a lançar o debate na mata escura do que seria a lacuna para o “pós-moderno”. Não nos interessa escrutinar o que seria a linha tênue e a diferença entre “moderno” e “pós-moderno”. De volta à questão do sentido, vale lembrar que no *nonsense* também há disputa pelo sentido (Orlandi, 2001), no humor também há interpretação e cerceamento do sentido.

A partir destas considerações, vamos debater estes fragmentos de discursos outros artificialmente encaixados na esquete de humor do debate “polêmica da semana” o que indicia (Ginzburg, 1989) um universo de fabricação de *fake news* ou de simulação do consenso democrático, que não faz mais do que tornar superficial o debate político. Voltaremos a este último ponto mais adiante, ao final deste texto, abordando-o como decorrência da análise do *corpus*.

2 Metodologia e formação do *corpus*

Por que foram escolhidos estes episódios deste quadro específico do grupo humorístico Porta dos Fundos? Porque o analista de discurso (pesquisador) não formula hipóteses e tenta testá-las, mas encontra uma pista, estranha o sentido e, em seguida, percorre um caminho de análise e teorização; na linha do que a Psicanálise propõe sobre a lacuna entre pontuar, compreender e concluir, e a postura de não buscar intencionalmente mas encontrar “algo” em momento epifânico para, em seguida, interpretar (Fontenele, 2002).

A afetação pelo riso provocado por esquetes do universo do humor nos levou a problematizar a estranheza (e também a familiaridade) mantida com várias questões atuais do cenário político brasileiro e contemporâneo. Junto disso, temos de início a nomeação “polêmica”, como já foi dito aqui, em esquetes que não tendem à polissemia e ao intercâmbio dos interlocutores, como se esperaria em uma polêmica. É este o eixo do efeito cômico veiculado na série.

O modo de se debater questões decisivas para o interesse público, como aparece nos episódios “Vacina; Homossexualidade; Maioridade Penal”, por conta desta quebra de expectativa, levou-nos a analisar as formações imaginárias presentes nos diálogos entre os personagens e nos encaminhou para questões do debate público contemporâneo, no caso, a propagação de notícias falsas (mais conhecidas por *fake news*).

Outrossim, a ironia contida na própria denominação do quadro “Polêmica da semana”, mas que não indica haver polêmica alguma, uma vez que há sempre um lado que cala o outro, um lado que “vence” o adversário; a obscura e sem alternância maneira de tomar a palavra de modo a desconsiderar o que no senso comum se chamaria “linha de raciocínio” do outro debatedor, indica muitos modos de

pensarmos o debate público, o lugar do humor e os modos de tratamento de questões de interesse público nos dias atuais.

Esta subversão de um itinerário racional faz o sujeito comum ter que se haver com a linha tênue do humor, entre o “sério” e o “real”, na linha do que Freud ([1908]1996) debate ao se referir ao modo das crianças brincarem de forma alusiva àquela dos poetas ao lidarem com a linguagem. Isto porque não há humor e brincadeira com a linguagem, sem que a pulsão tenha a fantasia como veículo e alvo.

Freud ([1927]1996) também argumenta que na atitude humorística pode haver simulação de situações reais ou imaginárias, a ser dirigida para o próprio “eu” ou para um público. O acompanhamento do público traz para este algo de libertador porque o humor faz fluírem alguns afetos, driblando a imposição dura da realidade.

Que sujeito é esse que violentamente cala alguém que do lugar de especialista se prontifica a falar sobre esses temas? Que sujeito é indiciado quando uma participante do auditório (dona Marlene) reproduz enunciados clichês e fabrica um aparente consenso, desconsiderando recursos legítimos da argumentação e de polêmica que um dos debatedores tentava construir?

Ao cair quase “tudo por terra”, como também costuma ser dito no cotidiano, a aparente racionalidade da “linha de raciocínio” reivindicada de um lado e desrespeitada pelo outro, leva-nos a tratar da relação entre o valor político do sentido e sua simbolização por meio da argumentação não tão planejada e racional; argumentação, aqui entendida como campo que considera a antecipação no campo das formações imaginárias e do esquecimento, na impossibilidade de recuperar os dizeres em sua totalidade e/ou de dizer tudo (Orlandi, 1998b).

Um lado do debate alardeia dados concretos, embora sempre questionáveis, controla os marcadores da enunciação, filiado ao discurso científico, como já mostraram Silva, Mendes e Pereira (2023); o outro lado, esbraveja, alardeia, urra e sussurra. É também porque vemos essas cenas no cotidiano e na imprensa, nos ambientes virtuais e nas ruas que nos propomos a analisar esse *corpus* no entremeio do estranhamento e da familiaridade.

Este ponto de alteridade também se somou ao dispositivo teórico, aqui operado de forma analítica da tipologia discursiva elaborada por Orlandi (2001); e que tem a ver com o que na contemporaneidade também é da ordem da fantasia na circulação dos discursos, de forma mais contundente ao cercear um rumo para o

sentido na tênue fronteira entre o fato e o *fake*, e pela preferência, por vezes, à conspiração coletiva, perseguidora e persecutória (Orlandi, 2021).

Optamos por realizar uma análise mais específica de cada um dos três episódios para, em seguida, retornar a algumas questões sobre o efeito de humor e a argumentação, a partir da tipologia discursiva proposta por Orlandi (2001).

Vamos analisar na sequência os vídeos “Vacina”, “Homossexualidade” e “Maioridade Penal”. Em suma, há um texto em forma de diálogo, ao mesmo tempo em que se nota uma espécie de narrativa com começo, meio e fim aludida ali no diálogo. Uma série que faz retroagir capítulos, em uma espécie de novela da vida real.

Uma das questões a serem consideradas também é a do discurso pedagógico. Sua circularidade, seu modo de conduzir o sentido pela autorreferência, como se isto fosse possível, transforma a tensão interpretativa que tende para uma imagem que A faz da imagem que B deve ter de R centrada na inculcação de informação útil com razoável cientificidade. Um dos recursos para esta imposição é a transformação da língua em objeto, negando a arbitrariedade do signo e que os sentidos derivam; passa a valer mais a evidência do “é porque é”, pautada pela credibilidade de um saber mais legítimo (Orlandi, 2001).

Nas esquetes é notório que nem sempre a credibilidade está na cientificidade no que se refere à legitimidade dos dados trazidos pelas debatedoras cientistas; por outro lado, há legitimidade nas chamadas *fake news*. Esta estratégia é decisiva para nosso debate sobre tipologia, argumentação e humor, atravessado pelas *fake news* na contemporaneidade.

Orlandi (2001) explica que o discurso pedagógico (DP) faz uso de uma retórica de ilusão de neutralidade e transparência com predomínio da sedimentação parafrástica e com condições muito delimitadas para a reversibilidade. A metalinguagem instituída é autorizada somente se imbuída de utilidade. O DP não circula apenas no espaço escolar. Isto nos permite elaborar questões que interessam a este *corpus*, quando o modo de recorrer a um saber pretensamente legítimo vem de expressões clichês, enunciados dispersos e fluidos no ritmo da volatilidade da interpretação (Orlandi, 2021).

Para melhor acuidade da escuta em conjunto às várias leituras pelas quais foram recortadas as falas aqui analisadas, os episódios foram transcritos com ajuda das

próprias configurações da plataforma youtube e, com posteriores e várias revisões de transcrição.

3 Análise do corpus

Há uma fórmula enunciativa veiculada na forma “*nós versus eles*” que sustenta a reversibilidade em disputa nas esquetes. As reviravoltas desta fórmula são que provocam efeitos de ironia e risos, no campo do humor, e tornam também o campo da argumentação recheado de nuances de *non sense*, que também sustentam efeito humorístico.

A pauta do Programa sobre “Vacina” como o próprio título aponta é apresentada pelo moderador dando a palavra inicial à médica debatedora Simone que de início estranha a própria natureza do debate, uma vez que não o acha polêmico, e que haveria um consenso sobre vacinação. Ela afirma “Eu não sabia que esse assunto era polêmico, e, sim, eu sou muito a favor.” Em seguida, traz dados científicos para ratificar sua posição favorável: “A vacina vem provando a sua eficácia ao longo desses últimos 100 anos. Ela já erradicou doenças como a varíola, a poliomielite e a rubéola. Somente a vacina do sarampo já salvou mais de 17 milhões de vidas”. Quando a posição da locutora enuncia “*nós, da comunidade científica*” é interrompida pelo moderador.

Relevante notar que essa interrupção marca o retorno da fórmula enunciativa “*nós versus eles*”, agora com um giro: “*nós*” passa a se referir, após interferência do moderador, ao debatedor Carlinhos descrito como “gamer, empreendedor, produz cerveja artesanal e é contra a vacina” e a dona Marlene. Esta última é figura recorrente em todos os episódios da série e é chamada ao final para expressar a opinião do público em geral que assiste ao programa, no auditório e em casa, e ser porta-voz das donas de casa. Detalhes performáticos: há um “bicho preguiça” estampado na camiseta que ele veste, que indica uma postura preguiçosa para argumentar. A par dona Marlene ser uma dona de casa, as mulheres atacadas nos debates são jovens e têm alta escolaridade; o que instala outra dicotomia: a mulher mais velha e “do lar” é respeitada, a mulher emancipada e com alta escolaridade, não.

Até este momento, vemos que a posição da locutora “médica debatedora” Simone opera no lugar da tipologia polêmica. Há uma troca de papéis entre esta e o moderador de modo que até então está autorizada a enunciar a partir de dados

científicos. Ou seja, o objeto tomado por referência está presente, os interlocutores ainda não se expuseram e a debatedora fala de algo que se deva saber, no caso, dados de interesse público sobre vacina.

O lugar de enunciador ocupado pelo debatedor Carlinhos transita entre a tipologia autoritária e o *nonsense* (tipologia lúdica), pois os interlocutores estão expostos à presença do objeto, mas sua referência é marcada pelo *nonsense*. Neste lugar do *nonsense* residem as manifestações de humor. Eis que o debatedor Carlinhos apresenta um argumento *ad hominem*¹:

Agora vou aproveitar esse momento. A sra. tem filho? Eu tenho um filho. Meu filho acabou de tomar uma vacina. A criança chorando a semana inteira. É dor e febre. Vale a pena um troço desse? Repito e digo pra senhora. Vale a pena? Fora que muita gente usando a vacina pra se drogar. É o tempo inteiro. (debatedor Carlinhos; episódio “Vacina”; Porta dos Fundos, 2018a).

Para nossa discussão, vale notar que a inserção e a exposição do interlocutor rompe com a tipologia polêmica e instala um funcionamento autoritário, pois da exposição pode-se depreender: “a vacina é o que é; ruim em si mesma” (expressão nossa). E “ruim” porque o agente impõe sentidos destituídos de referência, de menções a patamares de autoridade (grande Outro) que legitimam o discurso. Deste ponto de vista, o mecanismo autoritário em questão se filia ao que Orlandi (2001) denomina de discurso pedagógico.

Vamos notando pela análise que a tipologia discursiva em questão pode se articular ao debate sobre argumentação, humor e *fake news*, no *corpus* analisado. A argumentação aparentemente polêmica é interpelada pelo discurso pedagógico autoritário. Neste ponto, residem efeitos de humor. O interlocutor espera um efeito de sentidos e é colocado no lugar de possibilidade de interpretar de outro lugar.

Todavia, há furos na estabilidade semântica. Ademais, a esquete mimetiza a circulação de *fake news* da contemporaneidade e a ironiza, pois mostra de que forma notícias falsas tem sido veiculadas com ar de seriedade e ganhado confiança do público, mesmo tão frágeis do ponto de vista argumentativo, principalmente pela fragilidade ou ausência de referências às palavras do Outro, no sentido dado por Authier-Revuz (1998). Localiza-se neste ponto um dos efeitos do humor, do efeito

¹ Mosca (2011) explica que se trata de argumentos que deslizam das teses e propostas defendidas para o ataque ao outro. Tradicionalmente, é o ataque pessoal com minimização do oponente como estratégia argumentativa, por isso considerada desinteligente, mesmo porque falaciosa e descumpridora das normas do debate.

“bobo da corte”, digamos, ou seja, o público ri de algo que parece “fora”, deslocado, distante, mas que de alguma forma interpela a todos no mundo atual.

De volta às cenas, a imagem que B (debatedor Carlinhos) faz do referente e da imagem que a médica debatedora (A) deve ter do referente é de alguém que deve saber algo. É o que indica em “Repito e digo pra senhora. Vale a pena? Fora que muita gente usando a vacina pra se drogar. É o tempo inteiro”. É como dizer para a médica debatedora: você tem conhecimento disso? Mesmo que não tenha, teria que ter. Temos um “dever ser” em que certa “desrazão” – expressão de Orlandi (2001) – toma o lugar da mediação.

Como se nota, o moderador silencia. Ou interrompe a médica debatedora como em: “[moderador] Tempo esgotado, Carlinhos. Doutora 10 segundos. Doutora, 10 segundos para a sua tréplica.” O curto intervalo de tempo, propositadamente posto pelos autores do texto e pela edição do vídeo, provoca efeito humorístico. Para o ouvinte, cria-se um efeito de: como pode um quadro “polêmica da semana” deixar alguém falar tanto tempo e um lado qualificado ter apenas dez segundos?

Outras decorrências da tipologia autoritária – a cientificidade e a metalinguagem – também são consideradas. Trata-se da presença do discurso científico em esquetes do grupo “Porta dos fundos”, como debatido por Silva, Mendes e Pereira (2023). A metalinguagem, por sua vez, apoia-se em relatos do senso comum como em “muita gente usando a vacina para se drogar”. Nesse ponto, temos a linha tênue entre o fato e a *fake news* (Orlandi, 2021). Não é dado respaldo legítimo a essa informação. A debatedora tenta indicar esse atropelo argumentativo. Este modo de recorrer a uma constatação empírica, mas que não se comprova por meio de debate situado em uma comunidade acadêmico-científica com autoridade aparece de forma a descaracterizar a tipologia polêmica.

Então, a argumentação possível neste espaço desliza para um lugar discursivo em que um saber aparentemente instituído e superior (mais legítimo) daria conta de falar com mais seriedade e legitimidade. O deslocamento decorre do fato de que linguisticamente a mudança do tópico (“vacina” para “drogadição”) é feita silenciando o outro debatedor e com anuência do silenciamento do moderador.

Esse giro de silenciamentos (Orlandi, 1993) ajuda no processo homogeneizador. Orlandi (1998a) relembra que os dizeres trazem implicações em nossos modos de falar (e calar). É o que também ocorre no silêncio, na censura (Orlandi, 1993). Todavia,

há um deslize, apontado na sequência pela médica debatedora quando diz “você confunde injeção com vacina”.

Afinal, não há coincidência entre as palavras e as coisas (Authier-Revuz, 1998) e destas entre si, como também reaparece em “o que existe é uma agulha, que as pessoas”. Esta linha argumentativa da médica debatedora, ao mostrar a instabilidade semântica de significantes aparentemente homogêneos desemboca no arremate de Carlinhos, debatedor: “Bom, sou contra as drogas, sou contra vacina. Meu nome é Carlinhos.”

Aqui, uma leitura possível, passível de reler o interdiscurso do universo do humor brasileiro é a referência ao candidato à presidência e ex-deputado federal Enéias Carneiro, que encerrava suas arguições com o famoso “meu nome é Enéias”. Desse ponto de vista, não há mais o que apresentar como tréplica. O nome próprio daria conta de arrematar o debate; isto sendo feito pelo debatedor que o “venceu”. Esse é o lugar discursivo do “vencedor” e “perdedor” do debate, amplamente fabricado pela grande mídia no cenário político contemporâneo e em que se editam lances de “lacração” entre adversários políticos.

Curioso notar que esse apelo público para um suposto vencedor de um debate político, por exemplo, atravessa esta discussão. O apelo ao nome pessoal como marca do personalismo, do argumento *ad hominem* retorna, o lugar do interdiscurso em que o nome próprio, o sobrenome de família se sobrepõe às regras formais do espaço público; cabe uma digressão breve sobre personalismo e cordialidade (Holanda, [1936]1995) na qual não nos deteremos; basta lembrar também outro enunciado que circula amplamente no senso comum: *La garantia soy Yo*.

O funcionamento do discurso pedagógico também pode ser visto nos vídeos “maioridade penal” e “homossexualidade”. Os recursos de inculcação e utilidade, no caso pública, que perpassam o discurso pedagógico e que aparece no vídeo “vacina” também entram em jogo nestes dois vídeos, uma vez que camufla “as leis de interesse e da utilidade” (Orlandi, 2001, p. 18), em nome de uma verdade que seria tácita.

Voltaremos a esta questão do interesse informativo e público, da aura moral da verdade e do efeito do *nonsense*. A informação de que a homossexualidade seria uma doença posto que atrelada a outra, a pedofilia, aparece no vídeo “Homossexualidade”.

Essa intercorrência e este encadeamento da cadeia significativa, ao qual subjaz uma contingência (se a pedofilia é uma doença é porque a homossexualidade também é; na linha da autorreferência que elimina o debate sobre o referente em questão) é notória porque faz uso do interdiscurso: o fato de que, como relata Veiga (2020), somente em 1990 a homossexualidade foi retirada pela Organização Mundial de Saúde, da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)².

Essa retomada da contingência acima indicada ocorre mesmo que a médica debatedora tenha iniciado sua arguição resgatando na memória coletiva que a homossexualidade não é mais considerada desvio de uma norma ou patologia, razão pela qual se retirou o uso do sufixo “ismo”, passando a ser denominada de “homossexualidade”, para substituir o termo “homossexualismo”. Há uma negação de parte do processo discursivo, mas sem desconsiderá-lo (Osakabe, 1999). Além disso, a forma pela qual essa mudança de nomenclatura é ignorada, mesmo após a intervenção da médica debatedora, indicia um lugar sujeito à tipologia autoritária.

A mobilização do sentido por meio do discurso científico, por sua vez, ocorre apoiada no discurso jurídico quando, ao debater “maioridade penal”, o Sociólogo debatedor enuncia: “O que a gente precisa é incluir esse jovem na sociedade, ao invés de excluí-lo. No mais...a idade de 18 anos é cláusula pétrea da nossa Constituição”.

Desse lugar, ao mobilizar o sentido de “pétrea”, ou seja, imutável, dispositivo constituído, sem alteração, mesmo com Proposta de Emenda à Constituição (Senado, 2024), o debatedor controla o sentido de “maioridade penal” e possibilidades de deriva, ao passo que esse modo de recorrer traz implicitamente que a mudança de um parâmetro de idade também requereria debater outros pontos de maioridade civil e penal: casamento, eleitoral, trabalhista. Desse modo, desse lugar, o controle do sentido também esbarra na tentativa de delimitar o objeto de disputa do sentido, marcando outras possibilidades em aberto.

Todavia, o lugar ocupado pelo sargento Barros, debatedor (e membro da milícia) leva o sentido para outro rumo. A marcação “milícia” como designadora do lugar de onde o locutor fala traz um efeito cômico e ao mesmo tempo trágico, posto que o poder político paralelo imposto pelas milícias se enovelam com uma variedade de dramas e mazelas sociais do cotidiano. Como resultado, o valor de argumento

2 A este respeito ver Veiga (2020).

vencedor aparece pela força do medo da violência que, caso necessária, pode ser imposta pelo debatedor membro da milícia.

O humor explora a margem de risível que há nos fatos ocorridos (Carmelino, 2013). Uma das leituras possíveis para esta possibilidade é a psicanalítica, que o coloca como uma das estratégias do sujeito, decorrente do modo pelo qual a pulsão é direcionada pelo recalque, pela fantasia e pela sublimação (Nasio, 1995). A suspensão momentânea da censura mexe com o recalque; a fantasia permite reviver meandros da linha tênue entre ficção e realidade do *infans*; e a sublimação é provocada quando se ri de algo que provoca sofrimento razoavelmente comum, outra prova da natureza social do inconsciente. Deste modo, a dimensão trágica da violência urbana na atuação das milícias pode ser risível porque une todos, ainda que por formas particulares na forma deslocada de rir da mesma tragédia.

De volta às falas do sargento Barros, sua entrada no debate é marcada pela defesa de um silogismo fundamentado em premissas falseadas, uma vez que sem comprovação empírica, seja pela via experimental, seja pela via das observações do cotidiano ou por dados de outra natureza veiculados na imprensa; ele diz:

‘Redução’. O nome já diz tudo. Reduzir a maioria reduz a criminalidade. Mas, se reduzir a criminalidade, dona Globo vai ficar sem assunto. Se acabar traficante, dona Gloria Perez não vai poder escrever novela com esses galãs viados dela aí da novela das 6”. (debatedor Sargento Barros; episódio “Redução da Maioridade Penal”; Porta dos Fundos, 2018b).

Seguem-se várias derivas para outras novelas e conteúdos da emissora Globo, momento em que o objeto do sentido “maioridade penal” mobiliza um lugar de *nonsense*:

O que eu não quero é filho meu andando na rua aí levando pentada, entendeu, sendo ‘estrapado’ aí por um ‘de menor’ cracudo, cheio de virilha e mirranca, só porque a dona Globo quer assunto. É isso que eu não quero. Mina opinião. (debatedor Sargento Barros; episódio “Redução da Maioridade Penal”; Porta dos Fundos, 2018b).

O retorno das não coincidências do dizer (Authier-Revuz, 1998), no caso, “maioridade penal”, “drogadição” e “estupro” aparece em “[...] só porque a dona Globo quer assunto” que retoma “dona Globo vai ficar sem assunto” indicia que não há uma relação que consiga apontar uma contingência entre “redução de maioria penal” e a fabricação de conteúdos (como em ‘estrapado’ e ‘menor’ cracudo) pela

emissora Globo. Há ainda um efeito cômico na escuta de “pentada” como “pintada [sic.]”.

Há também um *non sequitur* na argumentação do debatedor sargento Barros, no sentido de asseverações dispersas que não retroagem. Esta não continuidade argumentativa que, no senso comum se chamaria de misturar “alhos com bugalhos” é mostrada como construção de uma opinião. Não é demonstrada pelo debatedor a relação que haveria entre um filho levar “pentada”, um ‘menor cracudo’ e o ‘assunto’ requerido pela emissora Globo.

O leitor/ouvinte pode depreender que haveria uma relação entre o assunto produzido pela Globo e a emissora incentivar a homossexualidade, o que também aparece no imaginário comum e que na opinião do debatedor sargento Barros teria relação com um crime cometido por um menor viciado em crack: o estupro.

Por outro lado, a sequência destes três assuntos pode ser abordada em um telejornal, por exemplo, ao modo do discurso pedagógico. Isso porque podem ser abordados sem haver compromisso em se estabelecer relação entre um e outro, caso de interpelação do discurso pedagógico. Nesse caso, seriam como frases soltas no quadro ou no livro didático.

Ou seja, mesmo no *nonsense* o sentido tem um caminho (Orlandi, 1993, 2001), há lugares de estabilidade semântica que percorrem o fio narrativo e demandam reconhecimento do interlocutor. Esse tipo de reconhecimento que recobrimos agora se fundamenta em formações discursivas dominantes a respeito do que se pode e/ou deve dizer, por exemplo, sobre “homossexualidade”: do passado médico, que a considera patologia e, por isso, mobiliza uma memória coletiva de doença ligada à culpabilidade e a uma transgressão, lugar enunciativo de onde o sentido mobilizado é de um crime.

É também pela opinião pública que os ordenamentos políticos de uma dada sociedade são construídos; mas ela não é linear, é fragmentada por conta de seus vários testemunhos e modos de ser veiculada em diversas mídias, modo pelo qual interpelam o poder público. Mas nem sempre foi assim, a opinião floresceu no Iluminismo mas ganhou cada vez mais a cena central em período mais recente; é fabricada e difícil de antever porque conta com cálculos pouco claros e pouco pragmáticos como bom senso, preocupações com os descontentes ou outros fantasmas coletivos (Chareaudeau, 2016).

A esse respeito, o da fantasmagoria contida na opinião pública (Chareaudeau, 2016) e a volatilidade do discurso em seu entorno (Orlandi, 2021) como marcas atuais, no episódio “Homossexualidade”, de início, temos a apresentação de uma questão pelo moderador (“você não acha que o homossexualismo está acabando com a humanidade”), mas que muda para “pedofilia”. Havia um funcionamento por meio da tipologia polêmica, em que o objeto de sentido é disputado sem a exposição dos debatedores até ser interrompido pela fala do debatedor Valdo, apresentado como liderança católica:

Eu sou contra que se estupre o cu de uma criança.[...] Criança gosta de Backyardigans, não vai gostar de piroca? Ainda mais se botarem por de cima da piroca uma Nutella, por exemplo. [...] Antigamente só se brincava de pique-esconde, hoje em dia é esconde-pica. (debatedor Valdo, episódio “Homossexualidade”; Porta dos Fundos, 2018c).

Como se nota, os significantes se organizam em um eixo sintagmático em torno da troca, no eixo paradigmático, do objeto de disputa do sentido “homossexualidade” para “pedofilia”. O lugar de autoridade, mais uma vez, é a emissora Globo de televisão, quando enuncia: “Se o William Bonner faz, quem é que vai dizer que é errado?”

Há um processo de metaforização, de troca entre “cu de uma criança”, retomado por “Backyardigans”, “piroca” e “Nutella”. Como é sabido, o primeiro se refere ao nome de um desenho animado famoso do início dos anos 2000, o segundo significante se refere a um dos nomes populares para a genitália de menino e, por último, o nome de um creme de avelã amplamente comercializado.

A recuperação do termo “cu” por este último mobiliza um rumo do sentido que torna um significante quase tabu (“cu”), possível de ser inserido na lógica argumentativa reivindicada pelo debatedor. São disfarçadas as não coincidências entre os modos destes significantes nomearem as coisas do mundo (Authier-Revuz, 1998) em uma lógica da superficialidade que ignora, por exemplo, que nem todo conceito ou objeto designado como do campo da infância necessariamente se ligue a um crime contra a infância ou contra crianças, no caso, a pedofilia.

Este ponto lembra que a estratégia argumentativa do humor requer algum uso da lógica. Sua eficácia persuasiva depende do modo pelo qual explora a margem risível de fatos ocorridos, mas também demanda algo da esfera do *logos* (Carmelino, 2013).

Neste ponto, há outro lugar do interdiscurso mobilizado, de forma alusiva (Authier-Revuz, 1998). Trata-se de uma *fake news* amplamente divulgada no período pré-campanha das eleições presidenciais de 2018, em que o então candidato à presidência Jair Bolsonaro se apresentava como candidato que salvaria as crianças e a educação infantil de uma suposta implementação de uma cartilha e de um “kit gay”, bem como do uso de mamadeiras com formato peniano (denominada vulgarmente “mamadeira de piroca”) nas escolas de ensino fundamental brasileiras.

Trotti e Lowenkron (2023) demonstram de que modo a produção de pânico moral por meio de um “artefato político”, como o ‘kit gay’ mobilizou afetos para uma “cruzada antipedofilia” (p.1) que implica que “[...] imagens constitutivas de políticas públicas sobre gênero e sexualidade (desde combate à homofobia até redução de danos e combate às ISTs) são retiradas de contexto, deturpadas e mescladas com outros materiais como livros infantis” (p. 5). A circulação de enunciados que sustentam que a emissora Globo não queria ter mostrado devidamente o “kit gay” aparece em postagens do ex-presidente, o que nos leva a indicar a circulação de outro enunciado no imaginário comum: “isso a Globo não mostra!”.

Do lugar de debatedora, a médica e sexóloga tenta resgatar o objeto em disputa ao mencionar: “Eu não sei se o senhor está confundindo, mas homossexualidade é uma coisa, pedofilia é outra coisa, completamente diferente”; momento em que é rebatida em:

Que bom que você cortou ela, né, Kléber? Porque já ia começar a fazer aqui uma apologia ao estupro. Olha, não é porque um homossexual deixa que outro estupra o cu dele, que deixa de ser estupro. Ainda mais se essa pessoa em questão for uma criança, porque a criança não tem o livre-arbítrio. E quem disse isso não fui eu, foi Jesus, que foi a primeira pessoa, na História, a defender a infância contra a pedofilia. (debatedor Valdo; episódio “homossexualidade”; Porta dos Fundos, 2018c).

Inicialmente, a marca de que é o moderador que salva o debate, posto que está do lado do que tem argumento “mais justo” é emblemática em “Que bom que você cortou ela, né, Kléber?”. Trata-se de uma significação de que um debate tem que ser conduzido por aquele interpelado pelo lugar de um paladino da moral.

O moderador ajuíza o “bem” contra o “mal”. Aliás, outro indício deste valor moral resguardado aparece quando o moderador passa a palavra para “dona Irene”, uma dona de casa com imagem estereotipada que sempre está presente na plateia

do quadro e que aparece somente para falar e legitimar o lugar do debatedor que reivindica para si a valiosa posição de quem “ganha” o debate e desrespeita o objeto de disputa do sentido.

O retorno para o tópico “pedofilia” é resgatado porque a relação homossexual é referida como sempre causada por um estupro. O locutor significa a relação sexual anal do lugar de um pecado capital, tal como foi definida pela moral cristã durante séculos (Minois, 2023). É o que vemos em: “não é porque um homossexual deixa que outro estupe o cu dele, que deixa de ser estupro.”

Àquela altura, uma relação sexual anal, mesmo quando resultante de estupro obrigaria o violentado a pedir perdão e tentar a salvação, posto que era tratada como um pecado em si. Na lógica da moral cristã, o pecado se faz com reparação pela culpa, mesmo quando não há consenso da vítima; esta, mesmo que involuntariamente, foi acometida pelo pecado, posto que não se resguardou adequadamente. Em seguida, funciona um lugar do interdiscurso que evoca a passagem bíblica “vinde a mim as criancinhas” que permite ao debatedor enunciar:

Ainda mais se essa pessoa em questão for uma criança, porque a criança não tem o livre-arbítrio. E quem disse isso não fui eu, foi Jesus, que foi a primeira pessoa, na História, a defender a infância contra a pedofilia.” (debatedor Valdo; episódio “homossexualidade”; Porta dos Fundos, 2018c).

Por fim, vamos tratar mais de perto do lugar de “dona Marlene” e de suas participações nos debates do quadro “Polêmica da semana”. “Dona Marlene” é uma personagem que participa do quadro e assiste, da plateia, a todo o debate. Ao final, é convocada pelo debatedor para dar sua “opinião”.

A repetição de alguns enunciados clichês como “nem tanto ao mar e nem tanto à terra”; “cada um no seu cada qual”; “quando um não quer, dois não estupram” - com destaque para o fato de que este último substitui na cadeia parafrástica o genérico discursivo “quando um não quer, dois não brigam” - marca sua participação. O genérico discursivo é uma fórmula enunciativa e discursiva que assevera a possibilidade de validade em quaisquer realidades; conforme Tfouni (2010), há uma analogia possível com a premissa maior do silogismo.

Vejamos:

[dona Marlene] Olha, eu acho que a droga é muito da pessoa, né? Acho que a pessoa que gosta usa, as que não gostam, não usam. Muita gente já se

desvencilhou, graças a Deus. Mas eu torço pra que meu filho, dentro de casa, não use. A gente cria... O senhor tem filho, sabe como é. E quem usa fora de casa, daí é filho dos outros. A gente torce pra que não seja da gente. Ou seja, nem tanto ao mar e nem tanto à terra. (episódio “vacina”; Porta dos Fundos, 2018a).

[dona Marlene] Tô aqui! [moderador] Oi! Que alegria, hein. Dona Marlene, qual é a opinião da senhora a respeito do homossexualismo? Homossexualidade. [Dona Marlene] Olha, eu acho que cada um no seu cada qual. A gente convive com o lago, o filho da Sônia. Tá sempre com o namorado em casa, e vê novela, o próprio “Fantástico”, vê com o menino, a gente junto, e trata bem, come pipoca, usa até toalha da casa dela. Mas, no shopping, a gente torce pra que... A gente diz: “Vai na frente que a gente vai atrás”, porque se não a pessoa acha que a gente como mãe... E a gente não tem controle. Quando a criança nasce, quem sabe... Quem tem filho sabe que ele já vem com o coiso, então é maldade você fazer com a criança, tanto dentro de casa quanto fora, então daí já é só opinião ... casa (episódio “homossexualidade”; Porta dos Fundos, 2018c).

[dona Marlene] Olha, como mãe, torço pra que meu filho não sofra o estupro nunca, né? Mas tem gente que gosta, a gente tem que respeitar, o senhor concorda? Homossexual, por exemplo, que a gente vê em site aí. Bota braço, bota tudo. Gosta, você respeita. Agora o que é que eu digo? Quando um não quer, dois não estupram. (episódio “redução da maioridade penal”; Porta dos Fundos, 2018b).

A reprodução de outros genéricos discursivos, de forma disfarçada, também pode ser notada. É o caso de “Acho que a pessoa que gosta usa, as que não gostam, não usam” (episódio “Vacina”) e “Mas tem gente que gosta, a gente tem que respeitar” que recupera “Gosto, cada um tem o seu” (episódio “Maioridade penal”) e “Quando a criança nasce, quem sabe... Quem tem filho sabe que ele já vem com o coiso” (episódio “Homossexualidade”) que recupera o genérico discursivo “quem nasce torto, tarde ou nunca se endireita” (ou “pau que nasce torto, nunca se endireita”) e que também indicia no significante “coiso” a presença do diabo, como elemento que seria inato à homossexualidade.

No episódio “homossexualidade” mesmo com a marcação explícita da voz do Outro, em “vai na frente que a gente vai atrás”, há uma substituição camuflada de uma cadeia significativa “lago-filho da Sônia-pessoa” que cruza a cadeia significativa “menino-mãe-criança”. O efeito de contraste entre o que seria um designativo mal visto socialmente, que passa de ter nome próprio (“lago”) para um anônimo, no espaço público; e uma “pessoa” e significantes que designariam a “família de bem” versus a tríade “menino-mãe-criança” provoca um efeito, no interlocutor, de misto de humor trágico e mal-estar.

É um ponto alto do tipo de humor do Grupo “Porta dos Fundos” que mistura comicidade, tragicidade e mal-estar contemporâneo. Todas as reviravoltas do sentido em torno de “família de bem” nos levariam a diversos rumos pertinentes do cenário contemporâneo, inclusive retornando à cruzada contra a pedofilia por meio de um artefato político como o “kit gay”, analisado por Trotti e Lowenkron (2023).

“Dona Marlene” também marca o encaminhamento para o final destes finais dos episódios, a saber: “não é isso, dona Marlene? Com certeza” (episódio “Vacina”); “É isso aí!” (episódio “homossexualidade”) e “Então é nem tanto ao mar nem tanto à terra. -Não é isso, dona Marlene? Dona Marlene: - Com certeza”.

Temos aí um lugar da memória coletiva (discursiva), no sentido dado por Pêcheux (1999) acerca de uma contingência entre homossexualidade, crime, estupro e maioria penal. Por este caminho, essas substituições e retomadas, notamos também que os episódios estabelecem certa continuidade de seus fluxos narrativos, tal como uma espécie de “novela da vida real”, que descentra a personagem periférica e aparentemente irrelevante (dona Marlene) para o centro da trama, e que supõe um auditório homogêneo (Amossy, 2018).

Essa pista é relevante porque a construção da opinião pública passa pela continuidade de cenas protagonizadas por “personagens”. Muito tem se debatido atualmente estas operações de deslocamento entre centralidade e protagonismo de um personagem real no cenário político brasileiro e mundial atualmente. Bolsonaro, Trump, Milei, Boris Johnson, Zelenski fizeram parte em algum momento de universos televisivos. Mencionamos aqui que esse feixe de semelhanças me foi permitido ser identificado pela análise de Safatle (2024) acerca da conjuntura política atual.

Em diálogo com as análises aqui apresentadas, há manobras de deslocamento entre “centro das atenções”, mesmo que em programações periféricas televisivas (e, em algum momento, o caso do ex-presidente Jair Bolsonaro é o mais emblemático) e a emissão como porta-voz de uma opinião que supostamente em algum lugar traria um lugar de absoluta concordância é uma questão muito atual.

Isso porque, conforme Safatle (2024), o ideal de absoluta concordância anda em sintonia com o atendimento a um sujeito ideal que é lançado e projetado para ideais mais autoritários como nacionalismo extremista ou de eliminação do oponente, na esfera do debate. Os extremismos fascistas da atualidade têm, por isso, conforme o autor, caráter suicida.

Outra marca, esta que finaliza mesmo os debates da série, é a das vozes pós-encerramento. Uma espécie de bate papo solto, mas audível, quando ambos saem dos púlpitos. Em todos os episódios, o moderador anuncia o próximo debate. Após isso, cada debatedor se aproxima do outro e aparece uma conversa encenada em um plano mais de retaguarda do foco principal da tela; é o que ocorre no episódio “vacina”:

[debatedora médica] Deixa eu te perguntar uma coisa... Você...
[gamer Carlinhos debatedor] Não, eu vou falar com você. Não sou bandido. Não sou bandido. [debatedora médica] - Não, você só nunca foi vacinado...
[gamer Carlinhos debatedor] - Não sou vacinado, mas eu quero falar as coisas com você. (episódio “Vacina”; Porta dos Fundos, 2018a).

E no episódio “Redução da maioria penal”:

[Sargento Barros] É que eu tenho um negócio pra resolver contigo lá na...na minha comunidade.
[Sargento Barros]-Tu é doutor mesmo?
[Sociólogo Márcio Cardoso] - Sou.
[Sargento Barros]-Doutor de quê?
[Sociólogo Márcio Cardoso] -Doutor de... de, de doutorado.
[Sargento Barros]- De doutorado.
[Sociólogo Márcio Cardoso] -É.
[Sargento Barros] Entendi...Tu não é médico, não?
[Sociólogo Márcio Cardoso] -Não.
[Sargento Barros] Estou com um lance no meu joelho, aqui.
[Sociólogo Márcio Cardoso] É, aí já não é comigo. (episódio “Maioridade penal”; Porta dos Fundos, 2018b).

Há um tipo de afronta, de acinte autorizado pelo suposto “vencedor” do debate. E isso indica outras questões do debate público no mundo contemporâneo.

Outro ponto passível de uma possível leitura que não vamos nos aprofundar aqui é uma espécie de possível inversão da chamada “carteirada”. Esta “lógica da carteirada” (expressão nossa) está aqui sendo utilizada para nossa análise a partir do debate formalizado por Matta (1997) acerca da circulação no imaginário comum do enunciado “Você sabe com quem está falando?” que materializa o fulcro de um debate mais amplo, caro ao cenário nacional, sobre “malandragem, jeitinho e corrupção”. A este respeito também ver Holanda ([1936]1995) e Barbosa (1992).

No lugar do Sociólogo dar uma “carteirada” uma vez que detém o título de “doutor”, sendo que assim, ele estaria autorizado; a “carteirada” é dada pelo Sargento que, mesmo não tendo doutorado, apresenta-se como “doutor”, no sentido de aprofundado no assunto. A autorização deste último para dar a

“carteirada”, por sua vez, vem de outro lugar, da patente militar que lhe confere poder bélico, ao mesmo tempo que se apresenta como garantidora de “saturar o assunto” (expressão nossa), ou seja, de dar conta de todas interpretações possíveis sobre o objeto de sentido.

Além disso, conta também com um modo de deslegitimar os estudos do Sociólogo com Doutorado, uma vez que este não seria, no plano das formações imaginárias, um “Doutor de verdade”, posto que “Doutor de verdade”, seriam apenas os médicos. Isto se confirma pela parte final do diálogo: “- Doutor [...] - de Doutorado; - Tu não é médico não?”

Ademais, com esse apontamento, vamos finalizar este artigo passando por uma breve análise sobre as ações do *stalker* (e o comportamento *stalking*) e a pessoa que passou por uma “lavagem cerebral” (Senko, 2015). Duas questões em evidência na atualidade.

Para isto, vamos retornar às análises do *corpus*. Vemos que no final dos dois episódios, médica e sociólogo, mesmo “perdedores” do debate, sofrem aproximação abrupta dos “vencedores” do debate, que os solicitam para consultas.

O “*stalker*” também quer se aproximar para coagir o outro e fazer disso porta de entrada para mostrar sua verdade, verdade esta construída contra uma conspiração. O documentário “Eu sou *stalker*” (2022) exibido no canal de streaming “Netflix” e o documentário “A lavagem cerebral do meu pai”, de Senko (2015) mostram casos reais e dramáticos de pessoas cooptadas por enxurradas de *fake news* aliadas de teorias da conspiração.

O documentário apresenta casos de insistência agressiva para mostrar uma visão política de mundo. Mesmo sem resposta e com pedido para parar o envio, depoimentos mostram a não interrupção. Esse modo de provocar no outro uma atmosfera de perseguição, cerceamento e coação lembra os casos de “*stalker*” vindos à público na série exibida. Embora não seja central um debate sobre estas duas questões, depreendemos que são questões que atravessam a análise aqui realizada.

Nas ações do “*stalker*” há também um excesso de dizeres repetidos ou parafraseados que são violentamente endereçados ao outro. Não há mais debate, conversa, turno da fala. Apenas ruídos e abismos. Em um dos casos, retratados pela série, um ex-companheiro envia milhares de cartas de dentro do presídio para a ex-

mulher vítima do “stalking”. E qual a relação disso com os episódios de ficção aqui analisados?

A conduta do debatedor Carlinhos, no episódio “Vacina”, em “não sou vacinado, mas quero falar as coisas com você” e no episódio maioria penal “Tu é doutor mesmo?” e “eu estou com um lance no meu joelho aqui” indicam uma coação pelo ato, mais próxima e invasiva que o argumento *ad hominem*.

Desse modo, estes episódios também mostram um período em que os debates no espaço público vêm sendo atravessados por outros parâmetros de relação entre esfera pública e privada, que passam por redimensionamentos da aproximação coercitiva e acintosa ao outro, também por meio do que Mariani (2023) denomina de “língua de pedra”, o uso da ofensa dura no discurso político autoritário.

Quando no vídeo “Homossexualidade”, o debatedor que “lacrava” contra a especialista enuncia “Por isso sou sempre contra, porque estou ao lado de Jesus, que jamais fez participação na Globo” não estamos tratando de um argumento *ad hominem* (crença em Cristo) qualquer. Há uma tática de afronta do sujeito comum ao usar essa “língua de pedra” de que trata Mariani (2023). Para isto, vale tudo, inclusive transformar embaralhar e confundir o personagem histórico “Jesus”, entre uma ficção frágil e uma verdade pessoal real, que indicia outro discurso atual: “não compartilhamos do mesmo Deus, do mesmo Jesus”³.

Isto explicaria em parte a enxurrada de *fake news* vista nos episódios e no cotidiano, pois é a identificação não por laços simbólicos, mas por demandas imaginárias que os lança às esferas comuns de poder, aglutina-os nas formas de pequenas vinculações imbuídas de significantes decisivos (Mariani, 2018).

Ora, o sujeito estaria autorizado a invadir uma “distância ótima”, ou seja, que respeita comportamentos de deferência junto ao outro (Haroche, 1998) e, por meio da aproximação acintosa colocar em xeque identidades e reputações. Um ataque *ad hominem* que despreza rituais de civilidade no debate e na argumentação.

Em suma, do que parece um debate risível porque com falas absurdas, caricatas e surreais, tal como no cotidiano real, derivam-se questões dramáticas para a tragédia atual. Os dois últimos recortes e as cenas que os acompanham, a saída do púlpito

³ A este respeito ver Folha de São Paulo (2024).

após o debate mediado pelo moderador, são marcados pela aproximação acintosa do debatedor espalhador de *fake news*.

Não aparece ao final do episódio o alerta “Esta é uma obra de ficção qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”, tão comum em obras de ficção televisionadas. Seria necessário? Não entraremos nesse lugar, todavia vale indicar que as plataformas virtuais também têm operado em outro lugar, ainda a ser pesquisado e debatido, da relação entre ficção e realidade. Afinal, trata-se de um canal de humor, campo que também tem sido pautado nos debates atuais e tem trazido outras questões para a relação entre humor e argumentação. Mesmo assim, os humoristas apostam em uma razoabilidade dos ouvintes.

Possenti (2024) debate que a afirmação falsa no humor não pode ser considerada *fake news*. Esta assertiva leva em conta a reputação do locutor na condição de humorista, seu reconhecimento propriamente e o veículo de que se apropria para enunciar. Sendo assim, ele nos lembra que a declaração embutida na esquete de humor e que, em outro registro, poderia ser lida como *fake news* exige do humorista uma aposta na astúcia do ouvinte/leitor.

A distância “ótima” é de outra natureza neste momento; tem sido outra, em muitos casos de ataques às instituições, quando se aborda uma autoridade pública na rua (juiz, professor, cientista), e também nos debates. Um “novo” modo de fazer política.

4 Considerações finais

Em tempos em que temos no cenário político dramas como negação das mudanças climáticas e revisionismo histórico de fatos como ditaduras; e em que guerras e genocídios são, por vezes, relativizados, esta análise procurou alcançar também o campo da memória sócio-histórica e política, ou seja, da memória discursiva, na linha deixada por Pêcheux (1999).

O leitor percebe que, nos vídeos analisados, os autores e atores tiveram a perspicácia de captar com acuidade a realidade em nosso entorno. O lugar da imprensa, sobretudo da grande mídia, os efeitos clichês utilizados nos episódios indicam não apenas as questões da tipologia, do *stalking* e das *fake news*, mas também as repercussões da circularidade do discurso pedagógico autoritário. Estes

lugares são representados de forma artística nas esquetes de humor da série “Polêmica da semana” do Canal “Porta dos Fundos” aqui analisadas.

Isso demonstra que algumas das questões indicadas por Orlandi (2001) há tantas décadas podem ser recuperadas e debatidas no cenário atual redefinindo estes tempos de volatilidade, como aponta a mesma autora (Orlandi, 2021), e também redefinindo peças dramáticas do humor e da tragédia brasileira; e temas amplos e complexos como leitura, interpretação, democracia, incluindo o preço alto pela circularidade veemente e insidiosa do discurso pedagógico em nossa escolarização e fora dela.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: editora contexto. 2018.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Tradução de Claudia Castellanos Pfeiffer et al. Campinas: EDUNICAMP. 1998.
- BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**: a arte de ser mais igual que os outros. Rio de Janeiro: Campus. 1992.
- CARMELINO, Ana Cristina. Humor: uma abordagem retórica e argumentativa. **Desenredo - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 8, n. 2, 40-56, 2013. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2914> . Acesso em 6 fev. 2025.
- CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto. 2016.
- EU SOU STALKER**. Produtora: Netflix. Plataforma netflix. 2022. 359 minutos. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81161342?trackId=255824129> Acesso em 10 fev. 2025.
- FONTENELE, Laéria. **A interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Deus de Lula e Deus de Malafaia. Brasília Hoje, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/brasil-hoje/2024/03/deus-de-lula-e-deus-de-malafaia.shtml> Acesso em 21 mar. 2024.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. **Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, v. IX, 1996[1908].
- FREUD, Sigmund. Sobre o humor. **Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 1996[1927].

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras. 1989.

HAROCHE, Claudine. Da anulação à emergência do sujeito: os paradoxos da literalidade no discurso (elementos para uma história do individualismo). Tradução de A. N. de Freitas. In: LANE, S.M.T. **Sujeito e Texto**. São Paulo: E.P.U. 1988. p. 61-86.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Tradução de Ana Montoia e Jacy Seixas. Campinas: Papirus, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 1995[1936].

MARIANI, Bethânia. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. **Revista Entremeios**, v.17, jul-dez, 2018. Disponível em: [10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol17pagina3a18](https://doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol17pagina3a18) Acesso em 7 fev. 2025.

MARIANI, Bethânia. Língua de pedra: a ofensa (injúria e difamação) na discursividade política. **Leitura**, v. 76, p 111-125, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.202376.111-125> Acesso em 6 fev. 2025.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

MINOIS, George. **História do Inferno**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Edunesp. 2023.

MOSCA, Lineide. Discurso e má fé: do elogio à perversidade. Estratégias retóricas em campanhas políticas eleitorais. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 1, n. 1, p. 64-71, 1 nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/369> Acesso em 6 fev. 2025.

NASIO, Juan-David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: 1993.

ORLANDI, Eni. Paráfrase e polissemia – a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, 4, 9-19, 1998a. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rua.v4i1.8640626> Acesso em 6 fev. 2025.

ORLANDI, Eni. Discurso e Argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, n. 1, 73-81, jul-dez 1998b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6915> Acesso em 5 fev. 2025.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Língua brasileira e outras histórias**. Discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: editora RG, 2009.

ORLANDI, Eni. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. **Cadernos de Linguística**, v.2, n.1, 1-15. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.V2.N1.ID310>. Acesso em 6 fev. 2025.

OSAKABE, Hakira. **Argumentação e discurso político**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

POSSENTI, Sírio. Humor não gera fake news. **Revista Estudos da Condição Humana**, v. 2, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.echu.ufscar.br/index.php/rechu/article/view/24> . Acesso em: 31 jan. 2025

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: EDUNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel [1969]. *Análise Automática do Discurso* (AAD-69). In GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas: EDUNICAMP, 1997a. p. 61- 161.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou acontecimento? Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (orgs.). **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes. 1999. 49-58.

PORTA DOS FUNDOS. Vacina – polêmica da semana. Youtube, 3 de nov. de 2018a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dZVPiR8fJB8> . Acesso em: 6 fev. 2025.

PORTA DOS FUNDOS. Redução da Maioridade Penal – polêmica da semana. Youtube, 17 de nov. de 2018b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIIOc7f2jIA> Acesso em: 6 fev. 2025.

PORTA DOS FUNDOS. Homossexualidade – polêmica da semana. Youtube, 24 de nov. de 2018c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YcUw2GdzPrU>. Acesso em: 6 fev. 2025.

SAFATLE, Valdimir. **A Terra é Redonda entrevista – Vladimir Safatle**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4op09Qgovr4>. Acesso em 19 mar. 2024.

SENADO. Cláusula pétrea. **Glossário**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/clausula-petrea> Acesso em 21 mar. 2024.

SENKO, J. **A LAVAGEM CEREBRAL DE MEU PAI**. Youtube, 2015. Duração: 1h29min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HBYgfzppwso>. Acesso em 6 fev. 2025.

SILVA, Antônio Guimarães Tavares; MENDES, Laurianne Guimarães; PEREIRA, Anísio Batista. O discurso científico na série “Polêmica da semana”, do canal Porta dos Fundos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.20, n. 3, 9028-9042, jul-set 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/86345> Acesso em 5 fev. 2025.

TFOUNI, Leda. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez. 2010.

TROTTI, Bárbara; LOWENKRON, Laura. Pânicos morais, sexualidade e infância: a fabricação do 'kit gay' como artefato político na disputa presidencial de 2018 a partir da rede social twitter. **Sexualidad, salud y sociedade**, Rio de Janeiro, n. 39, 1-25. 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22318.a.pt> Acesso em 19 mar. 2024.

VEIGA, Edison. Há 30 anos, OMS removia homossexualidade da lista de doenças. **Deutsch welle**, Brasil, Sociedade, maio, 2020. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3cG5h>. Acesso em 19 mar. 2024.